

A (des)construção da pessoa autista nas redes sociais pela ótica dos Estudos Culturais¹

Rina Rodrigues Sales²

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP

Resumo

Este artigo investiga a partir das redes sociais a (des)construção da identidade autista, à luz dos Estudos Culturais. O problema parte do deslocamento do autismo como diagnóstico clínico para uma identidade afirmada, em que o “ser autista” pode apagar a subjetividade do indivíduo. Analisamos o perfil do influenciador Rodrigo Diesel, jovem autista, gay, doutor e produtor de conteúdo, que utiliza os Reels do Instagram para discutir o TEA, a autodiagnóstico e os estereótipos. Por meio da análise de conteúdo buscamos mapear e compreender as dinâmicas de empoderamento e visibilidade que esses indivíduos experienciam. Os resultados mostram como diferentes aspectos da cultura se atravessam e se mesclam com a temática do autismo, e como o espaço das redes sociais se tornou um lugar de sentidos comuns e partilha sobre o Eu autista e o Eu, mãe de autista.

Palavra-chave: estudos culturais; cultura autista; identidades; instagram

Introdução

Em 2023, dados do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) indicaram que uma em cada 36 crianças nos Estados Unidos foi diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esse aumento está relacionado à maior conscientização, ao diagnóstico precoce e à ampliação dos critérios diagnósticos.

O primeiro caso documentado de autismo foi o de Donald Gray Triplet, descrito por Leo Kanner em 1943. Influenciado pelo conceito de autismo formulado por Eugen Bleuler, Kanner apresentou Triplet como “caso 01” em seu artigo “Distúrbios Autistas do Contato Afetivo”, inaugurando uma nova abordagem clínica sobre o transtorno. Apesar de características como linguagem mecânica e comportamentos repetitivos, Triplet teve uma vida autônoma e funcional, atribuída ao acolhimento social de sua comunidade. Donvan e Zucker (2017), no livro “Outra Sintonia: A História do Autismo”, ressaltam que o suporte comunitário foi decisivo para seu desenvolvimento. “Seus cerca de 3 mil

¹ Trabalho apresentado no GP09 Comunicação para a Cidadania, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Mestranda em Comunicação na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Com o tema de pesquisa – O silenciamento midiático e as construções narrativas sobre a pessoa autista no Jornal Nacional. Bolsista Capes. E-mail: rina.sales@unesp.br

habitantes fizeram uma escolha provavelmente inconsciente sobre como tratariam aquele menino estranho que vivia entre eles. Eles decidiram aceitá-lo, considerá-lo 'um de nós' e protegê-lo” (Donvan; Zucker, 2017, p. 51).

Atualmente, vivemos em um cenário de hiperconectividade, em que comunidades são formadas a partir de ambientes virtuais, como as redes sociais. No entanto, cabe perguntar: as comunidades e interações sociais que ocorrem nesses espaços digitais são tão acolhedoras quanto a vivenciada por Donald Gray Triplet?

Por esse motivo, torna-se pertinente pensar o autismo a partir dos Estudos Culturais. Historicamente, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido abordado predominantemente por categorias diagnósticas das ciências da saúde, como a biologia, os estudos neurológicos e a psiquiatria infantil. Essas áreas oferecem uma compreensão centrada em fatores biológicos e clínicos, com ênfase na identificação e tratamento dos sintomas associados ao autismo. No entanto, com o aumento do número de diagnósticos e a crescente visibilidade do TEA, o tema tem ganhado espaço também em áreas como a educação, a antropologia, a sociologia e a mídia, exigindo olhares mais interdisciplinares e sensíveis às dimensões sociais e culturais do transtorno.

De acordo com o artigo *Critical autism studies: exploring epistemic dialogues and intersections, challenging dominant understandings of autism* (O’Dell et al., 2016), que defende o conceito de “Estudos Críticos sobre Autismo”, há uma diversidade de abordagens e tratamentos para o autismo atualmente. Por exemplo, no Brasil, há um foco predominante na psicanálise e na psiquiatria, enquanto na Suécia o autismo é integrado a um grupo mais amplo de "deficiências neuropsiquiátricas", que inclui o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno de Déficit de Atenção (ADD), autismo e síndrome de Tourette, com ênfase na vida independente e na empregabilidade de pessoas com autismo. Essa variação na abordagem diagnóstica e terapêutica destaca como o entendimento do autismo pode ser influenciado por contextos culturais e institucionais específicos.

A premissa dos estudos críticos sobre o autismo busca desconstruir o diagnóstico neurobiológico e abordar o autismo a partir de sua discursividade e contextos socioculturais. Esses estudos tratam o autismo como uma identidade definida por diversas

comunidades, particularmente no meio digital, onde surge a “cultura autista”. O conceito de neurodiversidade, como abordado por O’Dell et al. (2016), serve para desafiar a noção de normalidade cognitiva, oferecendo interpretações alternativas e positivas do autismo e da identidade autista. A neurodiversidade enfatiza o autismo como uma diferença neurológica, em vez de um déficit, desafiando a compreensão dominante que vê o autismo como uma anomalia que precisa ser corrigida.

No entanto, a perspectiva da neurodiversidade pode não ressoar igualmente com todos os grupos, especialmente com os pais de pessoas com autismo nível III de suporte. Para essas famílias, o autismo pode ser visto como altamente incapacitante, com características e comorbidades significativas, como prejuízos na fala (em autistas não verbais), seletividade alimentar severa que pode levar à desnutrição, compulsão alimentar, depressão e ansiedade. A cerebralização do autismo, tal como invocada no discurso da neurodiversidade, pode ser usada para produzir formas não patologizadas de identidade e comunidade; no entanto, também pode levar a uma política de identidade reducionista, que pode restringir aspectos importantes da personalidade e reificar a identidade (Ortega, 2013).

Por outro lado, na neurobiologia, avanços recentes têm aprofundado a compreensão do autismo com novas teorias e descobertas. Recentemente, a síndrome de Asperger foi integrada ao diagnóstico de autismo no nível I de suporte, conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) e a Classificação Internacional de Doenças (CID-11). Essa reavaliação reflete uma tentativa de unificar o espectro autista, mas também aumentou o debate sobre as discrepâncias entre os diferentes níveis de suporte.

Dentro da neurobiologia, duas teorias recentes têm se destacado: a teoria neurofisiológica da disfunção dos neurônios-espelho (Williams et al., 2001) e o modelo do distúrbio multissistêmico. A primeira sugere que a disfunção dos neurônios-espelho pode estar associada a dificuldades em imitar e compreender emoções, enquanto a segunda propõe que o autismo resulta da interação complexa de múltiplos sistemas biológicos e genéticos. Estas abordagens oferecem uma visão detalhada das bases biológicas e genéticas do autismo, mas ainda não há consenso sobre uma explicação única

ou uma metodologia sólida e replicável para o diagnóstico. Assim, embora a neurobiologia ofereça insights valiosos, Chloe Silverman observa que “o autismo manteve sua identidade como um transtorno genético do cérebro” (2012, p. 155).

Disputas entre discursos e representações sociais

A formação das identidades culturais é um processo complexo influenciado por diversos fatores como política, religião, classe social, gênero, etnia e faixa etária. Estes fatores interagem de forma muitas vezes conflitante nas mídias sociais e em outros meios (Martino, 2014, p. 42). No ciberespaço, essas identidades são moldadas por agrupamentos sociais online e pelas dinâmicas específicas de interação nas redes sociais. É importante notar que não existem duas realidades separadas – uma virtual e outra real – mas sim uma única realidade objetiva vivida através da subjetividade humana. Portanto, “as discussões on-line têm o potencial de gerar atitudes e ações no mundo físico” (Martino, 2014, p. 58). Analisar esses discursos é crucial para entender como as identidades são construídas e negociadas.

A análise crítica do discurso sugere que “a voz de cada um de nós é, na verdade, um coro de vozes [...] Vozes que pressupõem papéis sociais de quem as emite; que expressam visões, concepções de mundo, opiniões e ideologias; e que incorporam a história, a memória, o contexto e a identidade” (Martino, 2014, p. 42). Isso se aplica aos discursos online, onde as redes sociais funcionam não apenas como canais de distribuição de conteúdo, mas como ambientes onde se manifestam as produções culturais cotidianas (Martino, 2014, p. 13). Pieczkowski (2023, p. 2) observa que as representações de pessoas autistas frequentemente oscilam entre dois extremos: a imagem de pessoas ‘estranhas’, balançando o corpo de forma estereotipada e vivendo isoladas, e a imagem de sujeitos geniais com capacidades extraordinárias. Essas representações geram efeitos de verdade que moldam a percepção pública por meio de práticas discursivas.

Além das características físicas e de interação, há um dilema em classificar o autismo. Considerar o autismo como uma doença implica a necessidade de cura, o que pode comprometer os direitos das pessoas autistas, já que algumas podem viver com o transtorno sem necessitar de suporte legal específico. Contudo, como transtorno

neurológico com variados níveis de suporte, algumas pessoas necessitam de cuidados semelhantes aos oferecidos a pessoas com deficiência. Por isso, a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, criou a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, que define a pessoa com TEA como pessoa com deficiência para todos os efeitos legais (Brasil, 2012).

Outro aspecto importante são as representações sociais, que incluem tanto a percepção dos próprios autistas sobre si mesmos quanto as construções sociais do espectro. Sá (1994, p. 42) afirma que a representação social é confirmada quando “o objeto se encontra implicado, de forma consistente, em alguma prática do grupo, aí incluída a conversação e a exposição aos meios de comunicação de massa”. Portanto, a análise das narrativas no Instagram, um meio de comunicação de massa, é fundamental, pois comunicação e representação estão intrinsecamente conectadas (Moscovici, 2005; Sá, 1994).

Moscovici distingue a difusão, a propagação e a propaganda como formas secundárias de comunicação, precedidas pela conversação. No Instagram, os Reels, formato de vídeo popular, seguem um modelo de conversação onde o influencer interage com seus seguidores. Os vídeos frequentemente começam com uma pergunta, dúvida ou afirmação a ser discutida, abrindo espaço para conversas mediadas nos comentários, onde se formam narrativas. Esse ambiente permite que os usuários se agrupem em consensos e dissensos, baseando seus argumentos em diferentes causas.

Nesse contexto, a formação de identidades e grupos de senso comum ocorre nas comunidades online, como páginas e seguidores no Instagram, e nos discursos que são produzidos e consumidos nesses meios. “Uma rede social é sempre um conjunto de atores e suas relações” (Recuero, 2009, p. 69).

Metodologia

Foram adotadas duas abordagens metodológicas: a análise exploratória para a construção do corpus e a Análise de Conteúdo, conforme proposta por Laurence Bardin (2011). Inicialmente, foi realizada uma busca no Instagram utilizando a hashtag **#autismo**, o que resultou, majoritariamente, em perfis terapêuticos e páginas

administradas por pais de pessoas autistas. Diante disso, a pesquisa foi redirecionada ao Google, onde foram identificados três influenciadores autistas, que após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão restou o perfil do influenciador Rodrigo Diesel.

Tabela 1 – Critérios de seleção do corpus

Critérios de Inclusão	Critérios de Exclusão
• Perfis de influenciadores autistas com produção de conteúdo regular. • Alta frequência de interação e engajamento nas redes sociais. • Conteúdo relacionado diretamente ao espectro autista, estereótipos, autodiagnóstico e representações do autismo. • Produção de conteúdo em mais de uma plataforma (Instagram, Facebook, YouTube, TikTok).	• Perfis com foco principal em terapias. • Perfis administrados por pais de pessoas autistas. • Perfis com pouca ou nenhuma produção de conteúdo nos últimos 30 dias. • -

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Seus vídeos abordam diretamente temas centrais a esta pesquisa, como estereótipos, autodiagnóstico e representações sociais do espectro autista. O influenciador já foi tema de reportagem no portal G1 (G1, 2022) e destaque na edição de abril de 2025 da revista *Seleções*, com a matéria de capa intitulada: “*Autismo: a importância do diagnóstico mesmo tardio – Um olhar sensível e necessário sobre um tema que pode transformar vidas.*” Assim, Rodrigo Diesel configura-se como figura relevante tanto para a comunidade autista quanto para o campo da comunicação e divulgação sobre o TEA.

Após a seleção do perfil, realizou-se uma análise preliminar das publicações de 2024 e foram selecionados três vídeos com mais de 500 mil visualizações, publicados no mês de julho de 2024, diretamente relacionados ao tema do autismo, para análise dos comentários:

Tabela 2 – Vídeos selecionados para análise

Título do Vídeo	Tema Principal	Problemáticas Apontadas
Seletividade Alimentar e TARE ³	Seletividade alimentar em pessoas autistas	Reduccionismo comportamental e culpabilização de pessoas autistas.

³ Diesel, R. disponível em:

https://www.instagram.com/reel/C9NSqHHAVaP/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA== Acesso em: 30 Mai. 2025.

Por que você não odeia o autismo ⁴	Políticas públicas e apoio à pessoa autista	Falta de políticas públicas, barreiras sociais e econômicas enfrentadas por autistas e suas famílias.
Problemas com o termo “anjo azul” ⁵	Representações idealizadas do autismo	Termos como “anjo azul” e discursos espiritualizados que apagam a realidade das pessoas autistas.

Fonte: Elaborado pela autora, conforme Bardin (2011)

Os vídeos foram transcritos, resumidos e, em seguida, foi realizada uma leitura flutuante dos comentários para a identificação inicial dos possíveis eixos temáticos.

Considerações finais

A escolha por estudar perfis no Instagram se deu por dois pontos igualmente significativos: a forma como os ciberespaços se tornaram extensões da sociedade e como esses reconfiguraram as formas como aprendemos, nos comunicamos e nos relacionamos socialmente, visto que o ambiente virtual depende de um suporte tecnológico e da interação dos usuários (Recuero, 2014, p. 94). Para este estudo, foi realizado um levantamento histórico dos primeiros estudos sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) com o objetivo de compreender os conceitos atuais. A análise dos dados foi fundamentada em referenciais teóricos dos Estudos Culturais (EC) e nas diversas publicações que abordam o autismo, o movimento da neurodiversidade, a cultura autista e a luta por direitos e reconhecimento das Pessoas com Deficiência (PCD).

Os conteúdos presentes na página do influenciador Rodrigo Diesel, que conta com cerca de 64 mil seguidores, já atingiram mais de 1 milhão de visualizações. Os vídeos com maior alcance recorrem frequentemente ao humor, à sátira e à ironia. Em um deles Rodrigo elenca as cinco vantagens de ser autista nível 1 de suporte, ironizando suas experiências com concepções difundidas culturalmente. Ele menciona frases como: "Você nunca vai se sentir burro, sempre vai ter alguém para te lembrar o quão inteligente você é"; "Sempre vão dizer que está na moda ser autista, 'todo mundo é autista'"; "Nunca

⁴ Diesel, R. disponível em:

https://www.instagram.com/reel/C9cVroiO7ca/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFlZA== Acesso em: 30 Mai. 2025.

⁵ Diesel, R. disponível em:

https://www.instagram.com/reel/C8wnrWArSz/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFlZA== Acesso em: 30 Mai. 2025.

vai faltar médico para você – 'Eu vou te receitar uma receita que vai curar o seu autismo'; "Sempre vão te incentivar a ultrapassar os seus limites"; e por fim, "Eu acho que o que você tem é frescura, você não tem cara de autista". Essas frases ilustram uma contestação constante do seu diagnóstico e uma disputa entre neurotípicos e neuroatípicos sobre as diferenças que, de ambas as perspectivas, causam estranhamento. Tanto as pessoas não autistas consideram características do espectro como algo estranho, insocial e reprovável, quanto as pessoas autistas, na perspectiva de Rodrigo, também apresentam estranhamento com atitudes comuns em grupos neurotípicos, como andar em grupo, chamar atenção com danças e gírias.

Rodrigo Diesel, em seus discursos, revela uma autoconsciência sobre seu diagnóstico e o papel que ele desempenha em sua vida. Ele aborda suas dificuldades enquanto indivíduo, pesquisador e neurodivergente. Em alguns momentos, Rodrigo insere a neurodivergência em um contexto mais amplo, associando-a a atributos culturais e de identidade, como quando se descreve: “Além de autista, sou queer, gamer e viciado em ficção científica e cultura pop”. Ao discutir sua formação acadêmica e o impacto do seu trabalho e estudo na sua saúde, Rodrigo utiliza suas redes sociais para compartilhar experiências relacionadas ao seu diagnóstico. Ele frequentemente menciona como o fato de ser doutor leva algumas pessoas a duvidarem do seu diagnóstico, refletindo sobre as complexidades e os preconceitos enfrentados.

Por fim, concluímos que os resultados obtidos a partir da análise de conteúdo nos aproximaram do objeto de forma sistematizada e nos deram insights sobre sentimento, pertencimento, a visão do "eu" sobre mim mesmo e a visão do outro sobre mim. Além dos discursos relacionados às questões identitárias, observamos como questões apontadas em 1993 são vivenciadas e expressadas atualmente, como a desmitificação das "mães geladeiras" e a identificação grupal com o luto pós-diagnóstico do autismo, conforme apontador por Sinclair (1993); (apud Ortega, 2008, p. 480):

Se a psicanálise acusava os pais de crianças autistas de serem frios, obsessivos e mecânicos no tipo de atenção dada aos filhos, o movimento de autistas acusa-os de serem intolerantes com seu modo de ser (neuro)diferente, de não amá-los do jeito que eles "são"

e de quererem falar em nome deles. Assim, os pais não estariam aflitos por causa do autismo do filho, mas pela perda do filho que esperavam e esperam poder ter.

ELAINEMAZARON. *Sempre digo que meu filho não é autista, ele tem autismo! O autismo é uma condição dele, e não tudo que ele é! A raiva que eu sinto em muitas situações e acredito que outros pais tb é por tudo que as limitações dele me impediram de viver! Idealizações mesmo da maternidade que não pude viver por ele não conseguir, mas tb me trouxe outras vivências que não imaginei passar e que são incríveis! Não acho que devemos endemoniar ou santificar, mas olhar para cada realidade que tem convive com ele! E isso se estende para todos os transtornos mentais e neurológicos! Somos seres únicos e a magia está nisso.*⁶

Acreditamos também que conseguimos fazer uma aproximação à teoria dos Estudos Culturais e dos movimentos sociais que estudam e vivenciam o autismo enquanto cultura. Deslocamos o diagnóstico e o discurso neurocientífico do centro e colocamos as questões identitárias e as relações sociais construídas e reconstruídas a partir da interação do homem com o mundo real e nas redes sociais.

Pessoas de todas as idades e condições passaram a ocupar o espaço público, num encontro às cegas entre si e com o destino que desejavam forjar, ao reivindicar seu direito de fazer história – sua história –, numa manifestação da autoconsciência que sempre caracterizou os grandes movimentos sociais. (Castells, 2017, p. 9)

Saliento que este trabalho é apenas um ponto de partida para um estudo mais completo abordando como as redes sociais criam espaços de comunidade e partilha que rompem inclusive os déficits comunicacionais de pessoas autistas, transformando-se em um lugar de ativismo e representação.

Referências

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial da União, Brasília, DF, ano 149, seção 1, p. 3, 2012.

6 Comentário em: Diesel, R. “Eu amo meu filho, mas odeio o autismo”. 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C9cVroiO7ca/?utm_source=ig_web_copy_link Acesso em: 30 Mai. 2025.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm. Acesso em: 15 jul. 2024.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

DONVAN, John; ZUCKER, Caren. Outra sintonia: a história do autismo. Tradução de Luiz A. de Araújo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

KANNER, Leo. *Autistic disturbances of affective contact. Nervous Child*, [s.l.], v. 2, n. 3, p. 217–250, 1943.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

O'DELL, Lindsay; ROSQVIST, Hanna Bertilsdotter; ORTEGA, Francisco; BROWNLOW, Charlotte; ORSINI, Michael. Estudos críticos sobre autismo: explorando diálogos e interseções epistêmicas, desafiando entendimentos dominantes sobre autismo. *Disability & Society*, v. 31, n. 2, p. 166-179, 2016.

ORTEGA, Francisco. Cerebralizando o autismo dentro do movimento da neurodiversidade: um desafio para os estudos críticos do autismo? In: DAVIDSON, J.; ORSINI, M. (org.). Estudos críticos do autismo: habilitando a inclusão, defendendo a diferença. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013. p. 73–96.

ORTEGA, Francisco. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. *Mana*, v. 14, p. 477-509, 2008.

PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro. Pessoas com Transtorno do Espectro Autista nos discursos filmicos. *Atos de Pesquisa em Educação*, v. 18, p. e11188, 2023.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

SÁ, Celso Pereira. A construção do objeto de pesquisa em representação social. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1994.

SILVERMAN, Chloe. Understanding autism: parents, doctors, and the history of a disorder. Princeton: Princeton University Press, 2012.

WILLIAMS, J. H. G. et al. Intact imitation of emotional facial actions in autism spectrum disorder. *Neuropsychologia*, v. 39, n. 13, p. 1386–1392, 2001.